

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 8 • 1999 / 2000



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1999 / 2000

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 8 • 1999/2000 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

PREFÁCIO - Jorge de Alarcão

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação da
Câmara Municipal de Oeiras

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do
Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas, 2745-615 BARCARENA

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange Wanted
Tauscherverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Impresse 4

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
8, Oeiras, Câmara Municipal, 1999/2000, pp. 25-31

RECORDANDO JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS: UM TESTEMUNHO PESSOAL

por José Pedro Machado⁽¹⁾

Quando iniciei estudos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Outubro de 1933, Leite de Vasconcelos já se encontrava jubilado, desde 1929. Porém, o seu nome não me era desconhecido: Marques Braga citava-o com frequência nas aulas de Português dos 6.º e 7.º. anos do Liceu e em Agosto de 1930 comprara um exemplar, usado, da 2.ª edição (1926) das *Lições de Filologia Portuguesa*. Lera-as cheio de interesse e, graças a isso, fizera figura nas aulas daquele professor, a quem me ligou tanta amizade, a quem me liga tanta gratidão.

Na Faculdade, encontrei os estudos filológicos já em decadência. Dos professores que tanto a prestigiaram nesse campo, apenas restava David Lopes, de quem fui aluno de Árabe.

Manda a Justiça afirmar que lá conheci outro Mestre, mas não era professor do Quadro: como conservador da Torre do Tombo, regia Paleografia e Diplomática. Refiro-me a João Martins da Silva Marques. Competentíssimo na matéria que ensinava, sabia criar discípulos e também me transmitiu admiração por Leite de Vasconcelos.

David Lopes não ocultava igualmente essa admiração, tal como era visível a amizade que os unia. Até se tratavam por tu. Havia diferença de idades, mas não grande: Leite de Vasconcelos nascera em 1858, David Lopes em 1867.

Foi por intermédio do notável arabista que conheci Leite de Vasconcelos, creio que em princípios de 1935, por ocasião de uma homenagem solene que o Conselho da Faculdade de Letras resolvera prestar a Afrânio Peixoto. Minutos antes de ter início a sessão, atraiu a minha atenção um Senhor já idoso, de barbinha, sobretudo, chapéu preto, andado devagar, a verificar o chão que pisava, claramente por deficiências na vista.

Momentos depois do tal Senhor entrar, David Lopes apareceu à porta da sala dos professores e chamou-me com um gesto. Com ele entrei e logo vi, sentado numa das poltronas e com bem visível aspecto de cansaço, o tal Senhor a quem o meu Professor me apresentou com um "aqui está o

⁽¹⁾ *Academia Portuguesa da História.*

Doutor Leite de Vasconcelos que o quer conhecer". Confesso que me senti confuso, por se tratar de quem se tratava. Mas David Lopes continuou: "Olha, Zé Leite, aqui tens o rapaz de quem te falei". Apertámos as mãos, perguntou-me a idade (20 anos) e se eu estava livre nas tardes de quarta-feira, às três da tarde. Com a minha afirmativa, determinou – "Então você à quarta-feira, às três, vai para minha casa para me ajudar". E indicou-me a residência: Rua D. Carlos de Mascarenhas, 40, em Campolide. Na quarta-feira seguinte, 10-15 minutos antes da hora marcada, já ali me encontrava para bater á porta quando chegasse o momento exacto. Ainda não eram passados dez minutos quando vi aparecer da esquina próxima o Mestre. Explicou-me: após o almoço, dava um passeio; por vezes, como naquele dia, os seus passos levavam-no à Imprensa Nacional onde tinha trabalhos em execução. Eu já o sabia, porque por essa altura pertencia-me a tarefa de olhar pelo *Boletim de Filologia* do Centro de Estudos Filológicos. Como as obras do Mestre, era composto na Escola daquele estabelecimento, então dirigida pelo Sr. Mário de Brito, que recomendava aos compositores que o corpo de tipo das notas não podia ser o habitual porque o "Senhor Doutor" teria dificuldade em lê-lo.

O prédio era de dois pisos. No interior havia livros por toda a parte e naquele dia até em cima de uma tábua de engomar, armada no compartimento logo à direita de quem entrava. Subimos, devagar, a escada para o primeiro andar: "Olhe, aqui é a oficina onde passo todo o dia para não andar a subir e a descer estes degraus!".

O compartimento de trabalho, rectangular, estava forrado com livros, que se estendiam pelo chão. Como me visse a examinar os que estavam num cesto de vime com asa, esclareceu: "São os que chegaram há pouco. Ainda nem os folheei!".

Perto da janela do fundo, recebendo a luz do dia pelo lado esquerdo, estava a escrivadinha.

Leite de Vasconcelos escrevia de pé, com caneta de aparo, que tinha de ser molhado no tinteiro posto na parte superior da armação. Pouco depois, quando me viu tirar a minha caneta de tinta permanente, pediu-me que não a usasse, porque "isso esborrata". E pôs a meu serviço outra caneta do género seu preferido. Dias passados consegui convencê-lo: aquela "novidade" não trazia qualquer prejuízo e ele até a experimentou. Que sim, mas preferia continuar como até aí.

Começámos a trabalhar; ver provas tipográficas: se eu sabia como se corrigiam. Disse-lhe que sim, mas que não garantia a perfeição. Resposta: "Como toda a gente, mas o Dias Coelho verá isso!". Este tinha sido chefe da Escola de Composição da Imprensa Nacional. Já aposentado, antecederia Mário de Brito na referida chefia. A rondar os 80 anos, era homem magro, baixo, míope, colarinho engomado com pontas viradas, gravata preta de nó pequeno e apertado, como preto era o seu trajar, incluindo o chapéu de coco. Deve ser considerado como um dos inspiradores da reforma ortográfica de 1911¹.

Nessa primeira visita (lembro-me bem) a minha actividade consistiu na revisão de provas do volume II da *Etnografia Portuguesa* que acabou de se imprimir a 17 de Setembro de 1936. Foram

¹ Ver *Serviços Bibliográficos da Livraria Portugal*, 2ª. Série, n.º. 695, Outubro de 2000, p. 16.

examinadas por nós os três (Leite de Vasconcelos, Dias Coelho e eu), com a curiosidade de as citações não serem verificadas pelo original por que foram compostas, mas nas próprias obras, quase todas existentes naquela admirável biblioteca.

Vistas as primeiras, tal como o técnico as compusera (ainda manualmente, letra a letra, isto há mais de 60 anos), eram logo entregues com o original ao Senhor Dias Coelho.

Com o original e ... como era esse original?

Coisa difícil de descrever: com algumas palavras de ligação, em vários pontos eram depoimentos manuscritos de informadores obsequiosos, tal como foram recebidos, recortes, bilhetes de visita, textos do próprio Leite de Vasconcelos redigidos em datas diversas, conforme ouvira a elucidação ou a colhera em determinado livro, na sua caligrafia que não era boa, com a agravante de por vezes não acabar as palavras ...

- Oh Senhor Doutor, olhe eles têm dificuldade em entender isto!

- O Mário de Brito entende ...

E entendia...

Convém lembrar que ao preparar ou ao dar forma, ao proceder à última demão nos originais, pelo menos até àqueles anos em que semanalmente eu o visitava (em 1940, quando me casei, ainda o visitava), o Mestre nunca utilizou quaisquer colaboradores ou auxiliares. Aceitava (e solicitava) informações, mas, depois, cada edifício da sua monumental obra era construção só dele.

Um pormenor hoje esquecido por muita gente: nunca se esquecia de agradecer, verbalmente ou por escrito, essas informações.

Depois de "limpas" por Dias Coelho, as provas chegavam-lhe às mãos para exame rigoroso, para escrupulosa verificação de citações, lidas em voz alta para reapreciar o estilo; nas seguintes verificava emendas, mas evitava alterações (de resto, raras nas anteriores) e, para fugir à necessidade de "recorrer" (o que desarticulava a disposição da mancha tipográfica e, em consequência, caindo no risco de alterar o texto), contava as letras do que pretendia modificar para que o novo arranjo as tivesse no mesmo número. Deste modo, nas linhas seguintes não se mexia.

Durante todos estes trabalhos revelava-se Leite de Vasconcelos diferente do julgado sábio exigente, sisudo, impaciente e intratável (e havia quem assim o pensasse ...).

Nada disso. Além de comentários curiosos, por vezes mesmo engraçados, contava (e ouvia) anedotas. Não conhecia, mas achou curioso, um dito muito em uso naquele tempo; hoje ouço-o pouco, e que eu utilizava com frequência: - fixe e garantido!

Perguntou-me a significação, se era dito lisboeta e, depois, quando acabávamos qualquer das muitas tarefas que nos ocupavam as tardes, era ele quem dizia: - fixe e garantido!

E ainda se dissertou sobre as origens e o exacto sentido de tal expressão.

Quando a luz do dia começava a enfraquecer, as tarefas alteravam-se. Eu ainda continuava o de que me ocupava antes por cerca de mais meia hora; ele parava e lia durante algum tempo, com óculos escuros, qualquer texto, quase sempre em alemão "para não esquecer"; depois trocávamos

impressões sobre o que se fizera e conversava-se um pouco. Não posso, evidentemente, reviver tudo o que mereceu a nossa atenção nessas palestras. Mas lembro-me de algumas delas. Os comentários favoráveis ao Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes (aparecido em 1932, com segunda tiragem em 1955) que eu, com algum sacrifício, comprara aqui em Lisboa por 100\$00 (cem escudos) ... um dinheirão). Longe ainda estava da grande amizade que me havia de ligar ao notável filólogo brasileiro. E, a propósito, lamentou-se não haver obra equivalente realizada por autor português. Considerou-se já sem forças nem elementos para a fazer, mas confessou-me que pensara nisso por volta de 1890 quando apareceu o dicionário de Adolfo Coelho, obra que lhe merecia, naturalmente, algumas reservas. E terminou: "- Faça-o você! É novo, tem muitos anos à sua frente!".

E, bem ou mal, consegui fazê-lo e já conta sete edições. Encorajou-me ainda a não abandonar o estudo do Árabe, a dedicar-me à Paleografia que então estudava na Faculdade ("Tem um bom Mestre!", referindo-se a João Martins da Silva Marques) e entusiasmou-me a estudar alemão. E comentou: "Tudo boas armas com o seu Latim!".

E sobre o Latim citou determinada pessoa então a preparar altos voos universitários, o que lhe mereceu este curioso comentário: "- Como é possível, se ele não sabe interpretar duas linhas de Latim! É um atrevido ...". E era ...

E a citação de ignorantes atrevidos levou-me a recordar-lhe a polémica que tivera com Cândido de Figueiredo. Este combatente a favor de causa justa não dispunha de bases para ir muito longe, nem espírito para reconhecer a sua inferioridade e aceitar os esclarecimentos de que necessitava e que tão úteis lhe poderiam ser, se os soubesse aproveitar.

Leite de Vasconcelos lamentou o tempo que nessa polémica perdeu a ensinar, para receber como resposta insultos (que, afinal, em nada o afectaram ...), em vez de agradecimentos. E aproveitou o ensejo para me prevenir contra eventuais casos que na verdade se verificaram e a partir precisamente de quem citou. Curiosidade: os mesmos casos e os mesmos intérpretes que pouco depois figurariam em idêntica profecia de David Lopes.

E a luminosidade do dia continuava a enfraquecer, a noite aproximava-se. Leite de Vasconcelos continuava de óculos escuros, acendia a luz eléctrica; se deixara de escrever e de ler também se afastara da escrivaninha em que, sempre de pé, redigia páginas notáveis e ainda conversava um pouco. E sentava-se finalmente.

Lá fora a criada preparava-lhe o frugal jantar e eu despedia-me:

- Adeus, Senhor Doutor, até quarta-feira?

- Pois, até quarta-feira à mesma hora. Dê visitas ao Doutor David Lopes!

As três ou quatro horas na sua companhia passavam depressa. Parecia-me que mal chegava e já estava a despedir-me com o "adeus, Senhor Doutor"...

Uma vez, à saída, deu-me um exemplar dos *Vimaranis Monumenta Historica* e outro do *Mapa dialectológico do Continente Português* de sua autoria. Mas o meu grande lucro com essas tardes

esteve em verificar até onde levam o trabalho, a persistência, o entusiasmo, a coragem, a simplicidade que marca quem é excepcional, quem se notabiliza pela acção, por obra grande e valiosa: os seus conteúdo, extensão e variedade, com base em trabalho persistente, planeado e muita reflexão, tornam-na, mais do que honra nacional, monumento do mundo científico.

Um último testemunho: cerca de 1937 realizou-se no então Museu Etnológico, que ostentava o seu nome, como actualmente, uma sessão solene com a presença do Presidente da República Marechal Carmona, pública homenagem ao Doutor José Leite, mas o homenageado não compareceu. E na quarta feira seguinte, quando lhe perguntei a causa, respondeu: “ tinha aí uma porção de provas para emendar...”.

Apêndice (nota de João Luís Cardoso)

Sobre a Vida e a Obra de José Leite de Vasconcelos, já muito se escreveu. Sem querer ser exaustivo, podem consultar-se os seguintes trabalhos (dispostos pelas datas de publicação):

- LEITE de VASCONCELOS, José, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa/Rio de Janeiro, s/d, 14, pp. 882-883.
- AMZALAK, M. B. (1924) - *Indículo dos trabalhos literários de J. Leite de Vasconcellos*. Lisboa. 59 pp.
- RIBEIRO, O. (1942) - *Vida e Obras de José Leite de Vasconcellos. Portucale*. Porto. 40 pp. (separata).
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; WEINHOLTZ, J. B. & FRANCO, M. L. (1941) - *À memória do Professor José Leite de Vasconcellos*. Faro. 7 pp.
- DIAS, J. Lopes (1958) - O Dr. José Leite de Vasconcelos. Elementos para o estudo da sua vida e obras. *Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos*. Lisboa. 100 pp. (separata).
- FERREIRA, F. Bandeira & SILVA, M. C. Nunes da (1958) - Leite de Vasconcelos e a Tróia de Setúbal. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 8, pp. 173-184.
- VIANA, A. (1959) - O Doutor Leite de Vasconcelos e o Baixo Alentejo. *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos*. Porto. 1, pp. 1-7 (separata).
- CORRÊA, A. A. Mendes (1959) - Leite de Vasconcelos, futor da Consciência Nacional. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 15-26.
- GONÇALVES, A. M. (1959) - O museólogo José Leite de Vasconcelos, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 45-61.
- BRANDÃO, D. de Pinho (1959) - José Leite de Vasconcelos. *Boletim Cultural*. Porto. 21 (3/4), 85 pp. (separata).
- CORREIA, J. da Silva (1960) - Algumas notas biográficas sobre José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 3-30.
- GUIMARÃES, Oliveira (1960) - José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 31-35.

- CIDADE, H. (1960) - Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 37-44.
- HELENO, M. (1960) - Algumas palavras sobre Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 45-51.
- GONÇALVES, F. Rebelo (1960) - José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 53-63.
- RIBEIRO, O. (1960) - Vida e Obras de José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 65-100.
- NEMÉSIO, V. (1960) - Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 101-107.
- GUERREIRO, M. Viegas (1960) - Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 109-137.
- CEPEDA, I. V. (1960) - Bibliografia de José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcellos - Livro do Centenário*. Lisboa. Imprensa Nacional, pp. 139-265.
- GUERREIRO, M. Viegas (1994) - Leite de Vasconcelos - o Homem e o Sábio. *Revista Lusitana*. Lisboa. Nova Série, 11, pp. 5-18.
- JABOUILLE, V. (1994) - No cinquentenário da morte de Leite de Vasconcelos. *Revista Lusitana*. Lisboa. Nova Série, 12, pp. 9-12.
- RIBEIRO, O. (1994) - Vida e Obra de José Leite de Vasconcelos. *Revista Lusitana*. Lisboa. Nova Série, 12, pp. 15-49 (reedição do estudo de 1960).
- GUERREIRO, M. Viegas (1994) - Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. *Revista Lusitana*. Lisboa. Nova Série, 12, pp. 53-79.

Além destes estudos de índole biobibliográfica, Leite de Vasconcelos foi homenageado em vida ou após a sua morte com diversas publicações e reuniões científicas a ele dedicadas. Temos conhecimento das seguintes:

- 1934 - *Miscelânea Científica e Literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcelos*. Coimbra. Imprensa da Universidade. Vol 1 (único volume publicado), 528 pp.
- 1959 - *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos* (Porto, 1958). Porto.
- 1959, 1970 - *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa, Vol. I (1959), 495 pp. Vol. II (1970), 375 pp.
- 1958 - *Arqueologia e História*, Série VIII, 8. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa., 185 pp.
- 1960 - *José Leite de Vasconcelos - Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa, Imprensa Nacional, 269 pp.